AVEIRO, 31 DE DEZEMBRO DE 1960 ★ ANO VII ★ N.º 323

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ● ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ● REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO, 20 — TEL. 23886 — AVEIRO

ANO VELHO ANO NOVO

UM ano que começa é o limiar de uma estrada inteiramente desconhecida, aberta sobre o espaço insondável do futuro...

Na soleira da portaria que abre sobre o ignorado, teimam em sentar-se os profetas, os astrólogos, os magos, os videntes, os bandarras, os saragoçanos, os bordas-de-água... E daí, resplandescentes de omnisciência — verdadeiramente impantes de orgulho! — devassam a treva impenetrável dos novos caminhos e desvendam ao Mundo os seus segredos...

Mas...

Quem pode a vista mergulhar, profética,
No espaço do porvir?
Junto de um berço, quem lerá prognósticos
Em almas por abrir?

Ninguém sabe — ninguém! — se a nova estrada rompe amenas planuras ou galga escarpadas montanhas, se é semeada de cardos agressivos ou atapetada de pétalas aveludadas, se a alegram as claridades do bem ou a entristecem as sombras do mal...

Um ano que começa é berço de menino com a alma em botão...

Ninguém sabe — ninguém! — se o infante será demónio ou anjo, se o coração se lhe abrirá em labaredas de Nero ou em fulgores de Francisco de Assis...

Os poetas diriam que um ano que começa é «a saudade de quanto foi esperança e a esperança do que há-de ser saudade»... Acertam, às vezes, os poetas...

Ano que finda é facho que se apaga,
Nuvem distante que ao luar se esfuma,
Onda que morre em convulsões de espuma,
Eco perdido em alterosa fraga!

Ano que nasce é despontar de vaga,
É nova estrela a vir por entre a bruma;
É brasa, é chama, é tudo quanto em suma
Traduz uma ambição que nos afaga!

Um ano que começa é um livro novo...

Ninguém sabe — ninguém! — se as suas páginas serão de tragédia ou de epopeia...

Um livro novo?

A prudência manda recordar aqui o lúcido pensamento de Joubert: «O grande inconveniente dos livros novos é que nos impedem de ler os antigos»...

Os filósofos diriam que, no instante em que o ano novo começa, «vivemos entre o abismo do que acaba e o abismo do que vai ser; atrás, o passado; adiante, o futuro — e, a nossos pés, o enigma devorador da hora que passa»...

Afinal, o que o homem pode razoàvelmente fazer no limiar da estrada que é o novo ano — é sonhar!

Há muitos sonhos de imaginação,
De mera fantasia:
Outros que são a voz da profecia,
A voz da intuição,
A voz do coração.

A voz da intuição, a voz do coração, diz-nos que o novo ano será de paz e de bênçãos para a Humanidade, tão cansada de sofrer...

... Mas com a condição de a Humanidade deixar de espojar-se nos negrumes dos lodos da terra para imundar-se das claridades das estrelas do céu!

Que os homens saibam viver este lindo sonho!

O "Snobismo" de PANDUCA

CRÓNICA DE MANUEL PEREIRA GAMELAS

CAINDO nos requebros industânicos da linguagem modernista, o «snob» Panduca viu-se elevado a anfitrião «monossilábico» pelos vários clubes «snobísticos» do país.

Como serpente enfeitiçada pela música indolente do encantador, o Panduca prendeu-se incautamente nos fandangos linguísticos dos clubes «snobs» que aderiram ao «som monossilábico» da linguagem de salão!

Nos átrios dos cinemas, muito senhor da sua careca cor de avelã (*até nisto é «snob»*), o Panduca esforça-se por retribuir o alto galardão conferido pela Assembleia Magna dos «Jucos» e «Lucos» da alta corrente linguística, dando autênticas palestras «monossilábicas» para o vasto auditório que o ouve embasbacadamente.

Atacando o tema que mais se apropria ao uso «monossilábico» — o futebol — o Panduca sente-se como peixe na água.

Vejamos:

— Eh, pá! «Estás 'óvi pá! Han! Dez a «ó»! Han! Qu'tal? Bom, hen! A «ó» 'óme! 'té a «ó» vão... 'tão pá! eh, eh, eh... A «ó», pá! eh, eh, eh...

Nesta linguagem de rã espreguiçando-se ao sol, o Panduca espeta a sua verbosidade até às raízes profundas das inteligências esterecfónicas, dos... igualmente incautos espectadores!

Com gestos à Vittorio de Sica e voz cavernosa à Orson Welles, o «snob» Panduca eleva ao «mais alto nível» os tratados «monossilábicos» da charada futebolística. Com pequenas in-

Continua na página 2

O problema do Colonialismo

III — PORTUGAL NO PELOURINHO da ONU

ARTIGO DO DR. QUERUBIM GUIMARÃES

No prosseguimento da série de artigos sobre a presente questão, chegamos hoje à seguinte pergunta: — O que é o Anticolonialismo?

— Lógica e gramaticalmente, o Anticolonialismo tem o seu significado próprio: reacção contra o Colonianismo. Basta a existência do prefixo *anti* para garantir esse significado. Nada mais natural essa reacção, uma vez que o Colonialismo se tornou asfixiante da liberdade ou livre determinação dos povos dominados.

E' claro que para isto temos de admitir que todo o Colonialismo — entendido como o domínio de povos atrasados segundo o modelo colonialista do século passado e de parte do actual, a que nos referimos no artigo anterior — tinha essa característica: ter o colonialista apenas, ou mais, em conta o seu interesse, em prejuízo dos povos dominados, criando riqueza para a sua nação, ou para si próprio, e esquecendo o interesse dos povos que dominava, o seu desenvolvimento económico e social, o seu progresso material e moral.

Mas isso não é assim. E, portanto, não podemos admitir tal conceito, porque é inexacto. Todos esses países sob a tutela de domínios estranhos lucraram com ela. E' o que se observa no antigo Congo Belga. Foi a Bélgica, durante o seu domínio naquelas paragens, e o Rei Leopoldo I que fizeram da extensa superfície congolesa o que essa região hoje vale materialmente. Mas em nenhum dos dois domínios — o particular de Leopoldo I e o nacional do Reino Belga — se conseguiu criar no espírito desses povos um culto de mútua ansiedade, de afectiva solidariedade moral que aproximasse numa unidade comunitária consciente e livre os dois grupos de povos.

De facto, esse Colonialismo criou riqueza, que lá ficou quando os belgas se viram forçados a abandonar o seu do-

Continua na página 7

JÁ TE QUERES MOSTRAR TÃO FANFARRÃO, MEU FILHO?...

O «SNOBISMO» DE PANDUCA

Continuação da primeira página

clinações de corpo e de olhos vítreos pelo entusiasmo da lição, o Panduca assemelha-se em quase 100% ao aficionado permanente das praças de toiros da ardente Sevilha. A sua linguagem tem mesmo o doce requebro com que eles imitam as «verónicas» e as «gallaneras» dos matadores de toiros.

Insinuante, cauteloso, esclarecido, o Panduca aplica, como eles, a estocada final, quando a vibração está no auge.

E remata quase sempre, com um: — *Nã'é pá!...*

Ora aconteceu, que indo tornar-me espectador de uma obra prima de mestre Ingmar Bergman, os meus ouvidos foram feridos por um estridente, «*eh, pá!*», atirando-me repentinamente para o mundo confuso e abstracto dos museus de metamorfose de Jack, o Estripador.

— Ora viva, caro Panduca! — saudei-o eu, com a pele atacada por um formigueiro causado pelo arrepio daquela voz sepulcral.

— *Eh, pá! P'o 'qui'! 'tão! Co'vais? Bem! Eu!... 'tá bên, ora...*

Com este parafraseado de estivador do Cais do Sodré, o Panduca começou a desfolhar o seu rosário de lamentações futebolísticas, queixando-se (*sempre em ritmo «monossilábico»*) que a moral desportiva ia de mal a pior.

A sua colmeia linguística continha uma paisagem própria da sua consciência de «snob» futebolístico, servindo, ora para vergastar com fortes maledicências, ora para elevar o brio dos esforçados atletas da sua predilecção.

Eu, feito parvo naquela lenga-lenga desportiva, atirava o meu espírito para uma análise psicológica da mentalidade do Panduca (*célebre, igualmente, por se tornar andarilho nas mãos suaves e perfumadas das feminilidades do burgo*).

De análise em análise, cheguei a esta conclusão, lógica para uns e ilógica para muitos:

— O Panduca sofre de «paranóica-futebolística-snobística»!...

— Porquê?... — perguntarão.

— Muito simples! Falando sobre futebol, o Panduca não deixa de transparecer à assistência que o escuta a sua personalidade «snobística», adquirida com o muito contacto com os aficionados «snobs». Portanto, sofrendo o peso de uma idolatria futebolística exagerada e de uma escola muito expressiva do «monossilábico-snobístico», Panduca vê-se atirado para o mundo burlesco da paranóicidade. Pobre Panduca! Entre o «snob» e o modesto, escolheu o caminho para uma perpetuidade aparente:

— «*Nunca ouviste falar do Panduca «snob»! Esse tipo era uma anedota dos diabos! Vê lá tú, que um dia...*

Esta é e será a perpetuidade dos «snobs», como o Panduca...

Manuel Pereira Gomelas

Ordem dos Engenheiros

Secção Regional de Coimbra

Convocação

Nos termos do art.º 21.º do Estatuto da Ordem dos Engenheiros e ao abrigo do art.º 25.º do mesmo Estatuto, convoco a Assembleia Regional da Ordem dos Engenheiros, para reunir na Sede desta, à Rua do Brasil, n.º 38, em Coimbra, no dia 17 de Janeiro, a fim de serem tratados os seguintes assuntos:

a) — *Discussão e votação do ralatório e contas do Conselho Regional de 1960;*

b) — *Apreciação do orçamento aprovado pelo Conselho Regional relativo a 1961;*

c) — *Eleição dos Corpos Directivos para o triénio de 1961/63.*

Esta Assembleia realizar-se-á de acordo com o estabelecido no § 3.º do art.º 25.º às 20.30 horas, em primeira convocação, e, às 21.30 horas, sm segunda convocação.

Coimbra, 22 de Dezembro de 1960

O Vice-presidente da Assembleia Regional,
Júlio de Araújo Vieira
(Eng.º Electrotécnico)

SECRETARIA JUDICIAL
Comarca de Aveiro

Anúncio

1.ª Publicação

Faz-se público que, pelo Segundo Juízo de Direito da Comarca de Aveiro e Segunda Secção, nos autos de Execução Sumária que *Diamantino Simões Jorge*, casado, da Taipa, de Requeixo, desta Comarca, move contra *Rosa Marques de Matos Gonçalves* e marido, *Abílio Torres da Fonseca Magalhães*, da Rua de José Luciano de Castro, n.º 5, em Esgueira; *Jacinto José de Matos Gonçalves* e mulher, *Maria Helena de Pinho*, ele ausente no Canadá e ela da Rua de Serpa Pinto, n.º 22, da vila de Ílhavo; e *Abel Cesar de Matos Gonçalves* e mulher, *Maria Manuela Brilhante Gonçalves*, ele ausente no Canadá e ela residente na Rua de São Sebastião, nesta cidade de Aveiro, correm éditos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados, para, no prazo de DEZ DIAS, findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos na referida execução.

Aveiro, 22 de Dezembro de 1960

O Chefe da 2.ª Secção,
Armando Rodrigues Ferreira

Verifiquei a exactidão:
O Juiz de Direito,
Carlos Vilas Boas do Vale

Litoral ★ Aveiro, 31-XII-1960 ★ N.º 323

A CIDADE

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	AVEIRENSE
Domingo	SAÚDE
2.ª feira	OUDINOT
3.ª feira	MOURA
4.ª feira	CENTRAL
5.ª feira	MODERNA
6.ª feira	ALA

Pela Capitania

Movimento marítimo

★ Em 22, vindo de Vila Real de Santo António, em lastro, entrou o navio atuneiro *Rio Vouga*, e, procedente de Lisboa, com 80 toneladas de madeira, demandou o porto o navio-motor *São Silvestre*.

★ Em 23, procedente de Antuérpia, com 466 toneladas de carga geral, entrou a barra o navio-motor alemão *Neuwied*, que, em 26, saiu com destino a Leixões.

Notável Exposição de Pintura

Cândido Teles, major do Exército Português, dos raros lazeres das suas ocupações de brioso e competente militar, tira o mais apreciável dos proveitos, entregando-se apaixonadamente à difícil arte das cores.

No salão nobre do Teatro Aveirense, patenteiam-se, desde há uma semana, em exposição que hoje encerra, alguns óleos a que o talento do autor imprimiu uma expressividade notável: trata-se de quadros em que o artista ilhavense foca, com rara fidelidade, as variadas mas inconfundíveis gamas da luz que se reflecte e refracta na Ria de Aveiro. Alguns apontamentos do planalto ocidental africano também ali demonstram a observação aguda e maleável do distintíssimo pintor.

Lastimamos que a falta de espaço nos impeça, por agora, de mais longo comentário; todavia, porque Cândido Teles e a sua já vasta obra merecem detida referência, esperamos vir a poder fazê-la com o interesse e relevo devidos.

Cantoneiros premiados

No passado dia 15, como oportunamente nestas colunas se referiu, realizou-se, na Direcção de Estradas do Distrito, uma sessão solene para entrega de prémios aos cantoneiros que mais se salientaram, em 1959, pelas suas qualidades de trabalho.

Presidiu o sr. Eng.º João Baptista Ferreira Soares, Director de Estradas, que se encontrava ladeado pelos srs.: Eng.º Adolfo da Cunha Amaral, Director de Urbanização; Eng.º José Pais de Almeida Graça, antigo Director de Estradas do Distrito; João dos Santos, Delegado do Automóvel Clube de Portugal; Eng.º Armando Barreira de Almeida, Adjunto da Direcção de Estradas de Aveiro; e agentes técnicos Artur Raul Cunha, José Cura Gaspar dos Santos e Patrício Fernandes Marinheiro.

No uso da palavra, o sr. Director de Estradas enalteceu a iniciativa do Automóvel Clube de Portugal promover a distribuição de prémios, juntamente com o Governo Civil, aos cantoneiros que mais se distinguem nos respectivos serviços, afirmando que esses galardões muito contribuem para os incitar a cumprir com maior zelo os seus deveres profissionais.

Falou depois o sr. João dos Santos, em nome do Automóvel Clube de Portugal. Após uma merecida alusão elogiosa ao antigo Director de Estradas sr. Eng.º Almeida Graça, falou dos incidentes da estrada e das suas trágicas consequências, solicitando ao pessoal cantoneiro o seu prestimoso auxílio numa necessária e urgente campanha de disciplinização do trânsito rodoviário.

Seguiu-se a cerimónia da distribuição dos prémios. Com o *Prémio Automóvel Clube de Portugal — 1959* foram galardoados o Chefe de Conservação sr. António Robalo Lopes e o cantoneiro de 1.ª classe sr. Agostinho Abranches Marques Figueira. O *Prémio Governo Civil de Aveiro — 1959* foi atribuido ao cantoneiro de 1.ª classe sr. António Gomes da Mota.

Logo após, foram distribuídas medalhas de bons serviços, aos seguintes cantoneiros:

10 anos de serviço — José Nogueira da Fonseca Pinto, António Alves de Paiva, António José de Azevedo, Manuel Pinto da Silva, Manuel Ferreira da Silva, Albino Tavares, Albino Dias, Armando Gaspar dos Anjos, Manuel Brás Alves e Adriano Ferreira Gomes.

5 anos de serviço — José da Silva Dias Ferreira, Lucas da Costa, António Rodrigues dos Santos Abreu, António Gomes, Manuel Bento Contante, Fortunato Ferreira dos Santos, Joaquim Prémio Monteiro, António Ferreira da Silva, Manuel da Silva Moreira, Agostinho Alves Rodrigues, António Pereira, António de Figueiredo, Augusto de Almeida Correia, Manuel Augusto Domingos Prina, Mário Carvalho Morgado, Franklim Ferreira Félix e Alcides Duarte Lopes.

Bailes do Fim do Ano

● No Teatro Aveirense, o seu tradicional *Reveillon* inicia-se, hoje, pelas 22 horas. Participam as conhecidas orquestras de *Ramon Miraval*, de Espinho, e *Aloma*, de Aveiro.

● Com a colaboração do apreciado *Conjunto de Sousa Galvão*, do Porto, o Restaurante Galo d'Ouro promove, hoje, o seu afamado *Reveillon da Noite de S. Silvestre.*

● No salão de festas das Fábricas Aleluia, volta a realizar-se, com início às 21.30 horas, um *Baile da Passagem do Ano*. Participa o o *Conjunto Musical «Antuã»*, de Estarreja.

● As secções de Basquetebol e de Hóquei em Patins do Clube dos Galitos realizam, no salão de festas da Colectividade, um *Baile do Fim do Ano*, em que actuará a *Orquestra Império*. O início do baile foi marcado para as 22 horas.

Armando Pereira da Silva

Com uma palavra de felicitações pelo elevado galardão que justamente alcançou, muito nos apraz registar que Armando Pereira da Silva, co-director da página *Væ Victis!* do nosso semanário, obteve o primeiro prémio no Concurso de Contos de Natal promovido pelo *Diário de Lisboa*, com o conto de sua autoria «Estranha Noite de Natal».

diz o LEITOR...

Um reparo

/.../ Trata-se, Senhor Director, dos manilhas de esgoto que, em ar de vasos e devidamente recheadas (de terras e plantas, é certo), foram recentemente colocadas na placa central da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho.

Tenho como certo que a pessoa que idealizou tal decoração não pensou, em virtude, talvez, de excessivo entusiasmo, nem nos seus inconvenientes estéticos nem nos comentários que podia suscitar; mas nem por ter sido feito de boa fé o facto deixa de merecer reparos, até porque uma manilha de esgoto é sempre uma manilha de esgoto e provoca, necessàriamente, certas associações de ideias, seja qual fôr a «travesti» com que a disfarcem.

Uma vez que quem mandou não reparou, eu só pretendia, Senhor Director, que V. Ex.ª, no seu jornal chamasse a atenção para o facto, a fim de se evitarem comentários pouco lisonjeiros para a cidade.

Desde já muito grato, permita V. Ex.ª que me subscreva, simplesmente,

Um leitor

PERPLEXIDADE...

Juntas de Freguesia da Glória e Vera-Cruz

Como no número 321 do *Litoral* se noticiou, as Juntas de Freguesia da Glória e Vera-Cruz vão instalar-se, a partir da próxima segunda-feira, 2 de Janeiro, no 2.º andar do prédio n.º 77 da Rua dos Combatentes da Grande Guerra.

Em aditamento daquela notícia, podemos agora informar que os serviços de Secretaria das referidas Juntas estarão abertos todos os dias úteis, à excepção dos sábados, dentro do seguinte horário: das 14 às 19 horas.

Pároco da Freguesia da Glória

Por determinação episcopal, deixa de paroquiar a freguesia da Glória, a partir de amanhã, o Rev.º Padre José Maria Carlos.

Ao longo de vinte e um anos, o virtuoso sacerdote revelou-se, no desempenho do seu munus paroquial, credor da estima e respeito de quantos o tiveram por mais directo pastor.

Intransigente ante todas as formas de hipocrisia, compreensivo diante de todas as humanas fraquezas, inabatável na sua fé, firme na defesa dos seus princípios, prudente sem quebra da indispensável energia, praticou caridades sem conta, que sempre quis ignoradas — e sai da freguesia mais pobre em bens terrenos do que para ela entrou, mas certamente, por isso mesmo, mais rico em merecimentos espirituais.

A sua vida tem sido um exemplo de apostolado sentidamente cristão. Bem se compreende, assim, que os paroquianos vejam com mágoa a sua ausência da freguesia. Isto mesmo lho testemunharam, por todos, os irmãos do Santíssimo Sacra-

Padre José Maria Carlos

mento, em merecida homenagem que lhe prestaram na pretérita segunda-feira.

★ A freguesia da Glória fica confiada agora ao sr. Padre Messias da Rocha Hipólito, orientador espiritual dos alunos do Seminário de Santa Joana e dirigente de diversos organismos da Acção Católica.

Do dinamismo e virtudes do ilustre sacerdote, muito têm a esperar os seus novos paroquianos.

Declaração

Domingos da Costa, residente na freguesia da Pedreira, concelho de Felgueiras, na qualidade de procurador de MANUEL MARIA DA COSTA, residente em Caracas, declara para os devidos efeitos, que, por notificação judicial feita em 30 de Setembro do ano corrente, FOI REVOGADA a procuração que aquele Manuel Maria da Costa havia passado a sua mulher ALZIRA SABINA DE MATOS, residente na freguesia de Pardilhó, concelho de Estarreja.

Felgueiras, 24 de Outubro de 1960

A rogo de Domingos da Costa, por não saber assinar,

Manuel Ribeiro

(Segue-se o reconhecimento)

Registo do Mês

No mês que hoje termina, ocorreram, em Aveiro, diversos acontecimentos dignos de registo especial, de que na devida oportunidade demos circunstanciada notícia.

Hoje, nas gravuras que incluímos, recordamos: AO LADO — um aspecto da assistência à sessão comemorativa do «Dia do Selo Português», quando usava da palavra o sr. Morais Calado; EM BAIXO — durante a sessão solene comemorativa do 25.º aniversário dos Bombeiros Novos, o Ajudante do Comando sr. Manuel Rigueira entregando um pergaminho ao antigo 2.º Comandante da benemérita Corporação, sr. Belmiro do Amaral Fartura.

de Visita

FAZEM ANOS:

Hoje — A sr.ª D. Alice de Jesus Fernandes Praça, esposa do sr. Ernesto Júlio Rodrigues Praça; e os srs. Sargento Alberto Vaz Pinto e Manuel Carlos do Vale Guimarães Oliveira, filho do sr. Dr. Orlando de Oliveira, Reitor do Liceu de Aveiro.

Amanhã — As sr.as D. Júlia Seabra Cancela Duarte, esposa do sr. Severim Duarte e D. Olímpia Neto, esposa do sr. António Gomes Pantarrana; e o sr. António dos Santos Calisto.

Em 2 de Janeiro — As sr.as D. Alice da Silva Pinho Seiça Neves, esposa do sr. Dr. Fernando Alberto Curado Seiça Neves, médico em Reliquias, prof.ª D. Maria Susana Branco Pinto Barbosa, esposa do sr. Manuel Alves Barbosa; prof.ª D. Carmen de Seabra Ferreira Neves, esposa do sr. prof. Severiano Ferreira Neves, D. Maria Carolina Barroso de Vilhena, esposa do sr Firmino de Vilhena Camelo Ferreira, D. Maria da Conceição de Melo Vilhena, e D. Aurora de Jesus Reis; os srs. Horácio Andrade de Carvalho, aveirense residente no Brasil, e Cesário da Graça e Melo; e os meninos José Luís, filho do sr. José Vieira da Maia Romão, e João José Picado da Naia, filho do sr. Capitão da Marinha Mercante José Estêvão da Naia.

Em 3 — Os srs. Dr. Joaquim Henriques, Dr. Fernando Calisto Moreira e Baptista de Jesus dos Santos; as meninas Maria da Conceição Casal de Carvalho, filha do sr. João Evangelista Andrade de Carvalho, ausente em Luanda, e Laura dos Santos Travesso, filha do sr. Ricardo André Travesso; e os meninos Joaquim Manuel, neto do sr. Joaquim António Vieira, José Luís Cabaço dos Reis de Oliveira, filho do sr. Carlos dos Reis de Oliveira, residentes em Lisboa, e António André Nunes.

Em 4 — A sr.ª D. Lígia Patoilo da Cruz Brandão, esposa do Prof. da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra Doutor Mário Brandão; os srs. Firmino de Vilhena Camelo Ferreira e Carlos Pimentel de Matos, filho do sr. Carlos Júlio Duarte de Matos, residente na cidade de Sobral (Ceará-Brasil); e o menino Mário José, filho do sr. Mário Artur Rebelo de Almeida Araújo.

Em 5 — As sr.as D. Maria da Cruz, mãe do sr. Dr. José da Cruz Neto, e D. Maria Julia de Almeida d'Eça Soares, esposa do sr. Joaquim Silveira; os srs. José Nunes da Graça, António Pinto Bastos, ausente no Brasil e Sílvio Pinheiro Palpista; e os meninos Maria Margarida Guimarães Marcelo, filha do sr. Prof. António dos Santos Marcelo, e Severino Maria Afreixo Ferreira, filho do sr. Rodrigo dos Santos Ferreira.

Em 6 — Os srs. Dr. Manuel Soares, Coronel Gaspar Inácio Ferreira, António Augusto Branco, João H. de Carvalho Júnior e João dos Santos Baptista.

CASAMENTO

No passado dia 8, em Macieira de Sarnes, realizou-se o casamento da sr.ª D. Arminda Peixoto Alves da Silva, filha da sr.ª D. Maria Cândida Peixoto Alves da Silva e do sr. Joaquim Alves da Silva, com o nosso conterrâneo sr. Duarte Nuno Portugal Pereira Campos Vaz Pinto da Rocha, filho da sr.ª D. Maria de Lourdes Portugal Pereira Campos Rocha e do sr. Duarte Vaz Pinto Correia da Rocha.

Serviram de padrinhos: pela noiva, a sr.ª D. Arminda Santos Alves da Silva e o sr. Joaquim Alves da Silva; e, pelo noivo, a sr.ª D. Maria Clementina Portugal Pereira Campos Vaz Pinto da Rocha Barata da Rocha e o sr. Joaquim Adriano de Almeida Campos Amorim.

Ao novo lar desejamos as maiores venturas

PEDIDOS DE CASAMENTO

★ No passado dia 21 pelo advogado aveirense sr. Dr. Manuel dos Neves, foi pedida em casamento para seu filho Carlos Alberto Branco de Seiça Neves a menina Maria Helena Correia Amorim, filha da sr.ª D. Maria do Céu Correia Amorim e do sr. Armando Cancela de Amorim, Chefe da Secção Central e Tesoureiro Judicial de Aveiro.

★ Na véspera de Natal, foi pedida em casamento para o sr. Carlos Júlio do Padre Fitorra, filho da sr.ª D. Rosa Florinda do Padre e do sr. Manuel Tavares Fitorra, a menina Maria Graciette do Vale Varela, filha da sr.ª D. Alzira do Vale Varela e do saudoso José Eduardo de Pinho Varela.

NA REDACÇÃO

Teve a gentileza, que agradecemos, de vir apresentar cumprimentos de despedida na nossa Redacção o nosso bom amigo sr. Mário de Melo e Silva, zeloso funcionário da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, que há dias seguiu para New-York (Estados Unidos da América do Norte) e que, por nosso intermédio, se despede de todos os seus amigos e conterrâneos, na impossibilidade de pessoalmente o fazer, como era seu desejo.

VIMOS EM AVEIRO

★ Com sua esposa e filhinho, o nosso conterrâneo e amigo sr. Coronel José Branco.

★ Com a sua família, encontra-se em Aveiro a passar férias o sr. Dr. Gabriel Vieira.

DESPORTOS

CONTINUAÇÕES DA ÚLTIMA PÁGINA

AVEIRO e a falta de INSTALAÇÕES DESPORTIVAS

incipientes e miniaturais futebolistas, aos futebolistas de amanhã, veda-lhes sistemàticamente a utilização. Ora, em determinadas épocas do ano, especialmenre quando o piso se encontra seco, e sem prejuízo para a actividade do Beira-Mar, os petizes aveirenses podiam recrear-se, exercitar-se ali... Como surgirem vocações se não se pode jogar, e muito bem, nas praças públicas e nas ruas, mas se não se pode também, e muito mal, aproveitar os terrenos próprios?

Mas tudo isto será devanear, fugir à primacial linha de rumo que encetaramos... Na realidade, urge, sim, melhorar os poucos recintos existentes e construir vários outros Se tal problema for protelado, a saúde pública não será servida num dos aspectos que consideramos fundamentais, nem o desporto competitivo, em que Portugal se encontra òbviamente interessadíssimo, pode tirar legítimo partido.

Há muitos anos, quando o saudoso Cândido de Oliveira, espírito esclarecido e jornalista notável, visitou pela primeira vez a Suécia, quedou surpreso por ver escassas multidões emoldurando os rectângulos e verificar, simultâneamente, que esses rectângulos, só nos aros de Estocolmo, subiam a mais de uma centena... Subiam a mais de uma centena e se encontravam permamentemente povoados de jovens e idosos praticantes! Isto significava — ilacção de Cândido de Oliveira — que naquele país toda a gente frequentava as pistas e não apenas as bancadas. Ora todos nós sabemos o que vale, internacionalmente, no campo desportivo, a nórdica Suécia.

Evidentemente que se esboçam planos, em Aveiro, com vista ao futuro. Não regateamos os nossos aplausos, claro está, a tais intuitos. A verdade, porém, é que não há tempo a perder, pois as horas são preciosas. João de Deus escreveu mesmo que «a vida é o dia de hoje». Os poetas, ao contrário do que vulgarmente se diz, só uma vez ou outra andam na lua...

Ora, para obstar a que quantiosos aveirentes continuem inibidos de praticar desporto ou o continuem a fazer em condições imbuídas de precaridade, torna-se mister encontrar uma solução transitória e, por isso até, necessàriamente económica. Sintetizando, cumpre eminentemente ao Município, e sem quaisquer delongas, melhorar do ângulo técnico o rinque de patinagem do Parque Infante D. Pedro, liberalizar a utilização do «court» de ténis, prover no sentido de que se tire um mais amplo rendimento do campo de futebol, abrir novos logradouros desportivos na magra fatia de terreno que ainda existe intramuros do Estádio de Mário Duarte Além disso, electrificar os rectângulos de futebol e basquetebol, conceder uma verba razoável, capaz de possibilitar as imprescindíveis obras no tanque-piscina, ao Beira-Mar, e dar facilidades aos clubes que pretedam ter instalações suas. Ignoramos, e permita-se-nos mais um exemplo, por que razão está ainda como está o tão aliciante rinque de patinagem. Faltam-lhe, com efeito, elementares requisitos técnicos, requisitos fáceis de eliminar...

Tudo isto que apontamos não exige rios de dinheiro, pede, pura e simplesmente, caudais de boa-vontade. Pois acreditamos que eles vão brotar, na certeza de que o problema é premente, interesssa à cidade inteira. Afirmar o contrário equivale a descrer dos outros, a mininizar antecipadamente as intenções alheias.

Bem sabemos que há instantes assuntos a resolver. Houve-os sempre. Mas este que abordámos hoje é precisamente um deles. E, como já dissemos, não interessa a um sector, diz respeito a toda a juventude de toda uma cidade.

Não somos contra as obras sumptuárias, longe disso. Mas desde que exista já o essencial. Depois do pão do corpo e do espírito, que venha a iguaria, que nos deleite o supérfluo. Entretanto, com o amanhecente ano de 61, que dealbe a promessa, sem demora concretizada, de serem melhoradas as escolas citadinas de educação física — e de outras, modestas mas eficientes, humildes mas acolhedores, rendarem em breve o chão aveirense.

Estamos no Inverno, mas aguardamos ansiosamente, firmemente, a Primavera...

João Sarabando

Aveiro, a Natação e o Beira-Mar

que com sacrifício monetário do Beira-Mar e dos beiramarenses. O tanque-escola é indispensável a Aveiro, sendo notabilíssimos os serviços, que já lhe prestou, como todos sabem.

Por certo, este ano será impossível pôr em funcionamento o magnífico recinto, que custou já muitos trabalhos, muitas canseiras, e muito dinheiro aos amarelo-negros. Não deixemos, portanto, que a actual emergência se prolongue — por forma a que, na próxima época, o tanque-piscina do Beira-Mar possa estar apto a servir, como sempre serviu Aveiro e o Desporto Nacional.

Lembremo-nos sempre: perder o tanque-piscina é ferir de morte a Natação Aveirense!

Concluindo, não resistimos à tentação de incluir neste escrito uma informação curiosa:

Dos *recordes* de Portugal estabelecidos até final de 1959 61 foram registados na piscina do Sport Algés e Dafundo; 15, na piscina do Clube Nacional de Natação; 14, na piscina do Grupo Desportivo de Lourenço Marques; e... 14, no tanque-piscina do Sport Clube Beira-Mar!

E' deveras sintomático este pormenor, sobretudo se atentarmos no facto da curtíssima existência do recinto. Ele *fala* claramente das condições técnicas do tanque-piscina-escola do Beira-Mar.

Fazemos hoje a transcrição, necessàriamente longa, já que, na pretérita segunda-feira, se efectuou, finalmente, a prevista Assembleia Geral Extraordinária do Sport Clube Beira-Mar, para decidir sobre o futuro do tanque-escola da popular Colectividade.

Presidiu o sr. Coronel João da Costa Moreira, secretariado pelos srs. Alfredo Carlos de Almeida Marques e Manuel da Graça, tendo comparecido bastantes associados, em inequívoca prova de interesse por tudo quanto se relaciona com a vida do Clube.

O Presidente da Mesa principiou por elucidar os presentes sobre os fins da Assembleia, e, a seguir, o Presidente da Direcção do Beira-Mar, sr. Carlos Teixeira esclareceu qual a presente situação do recinto, afirmando que as obras necessárias à sua reabertura importariam em cerca de 400 contos, caso se pretendesse que ele funcionasse sòmente como tanque-escola (para atletas e associados ùnicamente), ou em cerca de 1.100 contos, na hipótese de se desejar transformá-lo em piscina autêntica. Considerando as dificuldades financeiras do Club, a Direcção apresentava à Assembleia o magno problema, para que lhe fosse dada a solução considerada mais conveniente.

Usaram da palavra os seguintes associados, alguns deles em mais que uma intervenção: Carlos Manuel Gamelas, Alfredo Almeida, Coronel Costa Moreira, Major João da Cruz Novo, Eng.º João Coutinho de Lima, Porfírio Soares Machado, João da Graça, Carlos Alberto Machado e Olinto Ravara. Ponderadas diversas circunstâncias e ouvidas várias sugestões, a Assembleia Geral pronunciou-se no sentido de se concederem plenos poderes à Direcção para tentar a manutenção do tanque-escola, procedendo aos necessários estudos tendentes a conhecer-se quais as obras necessárias, seu custo exacto e qual a melhor forma de as realizar. Neste trabalho, a Direcção será coadjuvada por uma comissão, de que farão parte os srs. Coronel Costa Moreira, Major Cruz Novo e Carlos Gamelas.

Caso se conclua pela viabilidade das obras, a referida comissão solicitará o auxílio das entidades superiores para a sua efectivação, nessa altura se constituindo uma Comissão de Honra, com a presença dos srs. Governador Civil e Presidente da Câmara, para patrocinar a nobilitante causa do tanque-escola do Beira-Mar, em boa verdade uma causa de gritante interesse para Aveiro.

Basquetebol

Hernâni 4, Júlio 2, Naia 4, João, Matos e Calisto.

SANJOANENSE — Tavares 4, Mário, Américo, Almeida, Aureliano 4, Armando 10 e Carlos.

1.ª parte — 22-6 2.ª parte — 8-12.

O Galitos conseguiu 12 cestas de campo e converteu 6 lances livres em 14 tentados (42.85 %). A Sanjoanense obteve 8 cestas de campo e transformou 2 lances livres em 12 tentativas (16,66 %).

Illiabum, 34 Cucujães, 17

Jogo no Estádio Municipal de Ilhavo, na penúltima sexta-feira. Árbitros — António Rino e Manuel Arroja.

ILLIABUM — Grilo 6, Balau 4, Jorge 4, Cachim 12, Elmano 6, Nunes, Pessoa 2 e Novo.

CUCUJÃES — Costa 6, Silvestre, Bastos 4, Jorge 5 e José António 2.

1.ª parte — 22-9 2.ª parte — 12-8.

O Illiabum conseguiu 17 cestas de campo e desperdiçou os 3 lances livres de que beneficiou. O Cucujães obteve 8 cestas de campo e converteu 1 lance livre em 6 tentados (16,66 %).

Sangalhos, 59 Beira-Mar, 38

Jogo no Campo do Colégio, na penúltima sexta-feira. Árbitro — Narsindo Vagos (o outro juiz de campo indicado, sr. Manuel Neves, não compareceu).

SANGALHOS — Calvo 8, Marçal 18, Feliciano 6, Amândio 16, Alberto 7, Manuel Ferreira, Barros 4, Farate e Tavares.

BEIRA-MAR — Necas 2, Feliciano 7, Salviano 8, Paroleiro 7, Rosa Novo e José Luís Pinho 14.

1.ª parte: 27-23. 2.ª parte: 32-15.

O Sangalhos conseguiu 23 cestas de campo e converteu 13 lances livres em 22 tentados (59,09 %). O Beira-Mar obteve 16 cestas de campo e transformou 6 lances livres em 18 tentados (33,33 %).

DA MINHA JANELA...

porque se situe nos primeiros lugares, mas porque, mercê duma certa regulariedade, conseguiu marcar boa presença nos encontros disputados tanto dentro como fora do seu ambito. Referimo-nos à equipa do Illiabum. Tratando-se dum conjunto jovem, e ainda com a agravante de actuar sem três dos seus melhores atletas da época passada, os rapazes de Ilhavo têm sabido lutar; e, se não fora a desistência do Águias, de Mogofores, que alterou profundamente a classificação, talvez a esta hora a sua equipa estivesse apurada para o Nacional da II Divisão. De qualquer modo, aqui fica o registo dum acontecimento que, para nós, tem muito interesse — o interesse de sabermos que Ilhavo mantém intacto o gosto pelo basquetebol. E que assim é, basta reparar-se nos cuidados e receios, bem fundamentados, que os clubes possuem quando se deslocam ao magnífico Estádio Municipal da linda vila...

3 Inúmeras vezes temos falado do Andebol nestas colunas. Tantas que já temos pensado na inutilidade das nossas palavras; mas nós somos persistentes, somos dos que acreditam no poder da água mole, e cremos, também, que as pessoas a quem nos dirigimos não serão mais duras do que a própria rocha!!!

Ora o Andebol, na nossa cidade, já conheceu muitos melhores dias do que presentemente. Não porque a Associação Regional se tenha desinteressado, — bem pelo contrário, tem procurado, insistentemente, junto dos clubes a colaboração indispensável —; mas porque não há entusiasmo. Veja-se que ninguém se inscreveu no torneio de «onze» — o que demonstra nula actividade neste sector desportivo.

Dos clubes citadinos, que têm ou já tiveram as suas secções formadas, sabemos que o Clube dos Galitos, pelas mãos do seu atleta Diamantino, prepara, carinhosamente, uma equipa jovem e de largo futuro, facto que merece incondicionais aplausos. Quanto ao Beira-Mar, que podia apresentar uma ou duas dúzias de atletas, diz o seu orgão informativo que espera a inscrição dos jogadores! Aceitemos como boa a informação e aguardemos a primeira oportunidade para podermos rejubilar com o facto, já que, por agora, temos de lamentar o desinteresse da popular colectividade.

Acerte no resultado!

Nome: ______

Morada: ______

Resultado: TORRIENSE ____ BEIRA-MAR ____

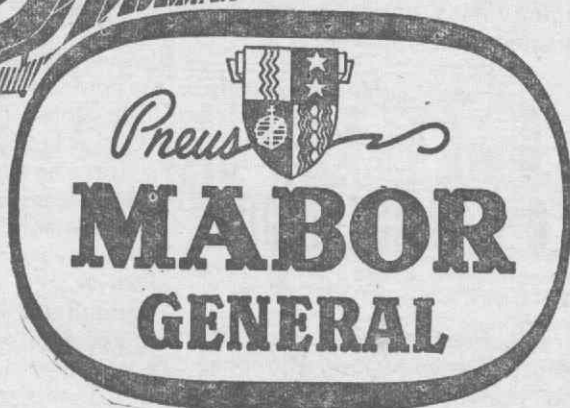
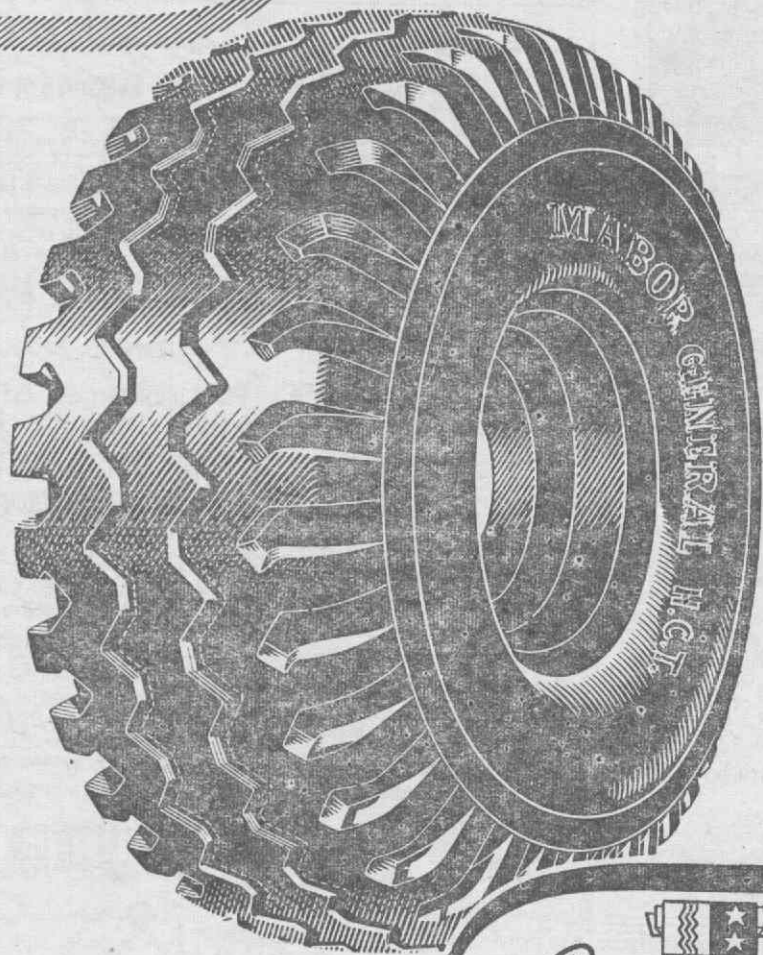
Semanalmente, a LOJA DAS MEIAS oferece **uma gravata** aos leitores que acertarem no resultado dos jogos realizados pelo BEIRA-MAR e, até às 19 horas de cada sábado, entregarem, devidamente preenchido o «cupon» que em exclusivo, se publica no LITORAL.

Arrisque um palpite!

Dentre os leitores que acertarem no resultado exacto dos desafios do *BEIRA-MAR* e, devidamente preenchido, entregarem no *RESTAURANTE GALO D'OURO* o «cupon» que o LITORAL publica, em exclusivo, todas as semanas é designado — por sorteio — um concorrente que terá direito a um almoço ou jantar no referido Restaurante. Os «cupons» devem ser entregues até às 19 horas dos sábados que antecedem os jogos a que se referem.

Nome: ______

Morada: ______

Resultado: TORRIENSE ____ BEIRA-MAR ____

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de 26 de Dezembro de 1960, exarada de fls. 26 v.º, a fls. 29 v.º, do L.º n.º 15 — B —, para escrituras diversas, do arquivo deste cartório, foi constituída uma escritura de sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, entre João Francisco Casal, Manuel Francisco Casal, Domingos Morgado Casal e Duarte Simões Maia, nos termos dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «CASAL, IRMÃOS & COMPANHIA, LIMITADA», tem a sua sede em Aveiro, durará por tempo indeterminado, com início em um de Janeiro de mil novecentos e sessenta e um e o seu objecto é o comércio de compra e venda de motorizadas, peças e acessórios e qualquer outro ramo de negócio em que os sócios acordem e para que não seja precisa autorização especial.

SEGUNDO — O capital social, inteiramente realizado em dinheiro, é de quinhentos mil escudos, dividido em quatro quotas de cento e vinte e cinco mil escudos, pertencendo uma a cada sócio.

TERCEIRO — Não serão exigíveis prestações suplementares, mas os sócios poderão fazer à sociedade, nos termos em que acordarem, os suprimentos de que ela carecer.

QUARTO — A sessão de quotas, no todo ou em parte, é sempre premitida entre os sócios, mas não poderá verificar-se em relação a terceiros sem consentimento expresso da sociedade, à qual é reservado, em todos os casos, o direito de preferência. PARÁGRAFO PRIMEIRO — Não querendo a sociedade preferir, pertencerá esse direito, individualmente, a cada um dos sócios. PARÁGRAFO SEGUNDO — Para poderem exercer, querendo, este direito, a sociedade e os sócios serão notificados, com a antecedência de trinta dias, por meio de cartas registadas, com aviso de recepção.

QUINTO — A sociedade não se dissolverá pela morte ou interdição de qualquer sócio, continuando com os sobreviventes ou capazes e os herdeiros ou representantes do interdito, mas representados por um só deles. PARÁGRAFO PRIMEIRO — Enquanto estes não escolherem o seu representante, a sociedade será gerida ùnicamente pelos sobreviventes ou capazes. PARÁGRAFO SEGUNDO — Se os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito não quiserem continuar na sociedade, poderá esta, e, depois dela, qualquer dos sócios, adquirir-lhes a quota respectiva pelo valor resultante do balanço a que então se procederá.

SEXTO — A administração da sociedade e a sua representação, em Juízo e fora dele, activa e passivamente, pertencerão a todos os sócios, os quais ficam nomeados gerentes, de direito e de facto, com ou sem remuneração, e com as atribuições que lhes forem determinadas em assembleia geral. PARÁGRAFO PRIMEIRO — Para obrigar a sociedade ou para esta adquirir direitos é necessária a intervenção ou a assinatura de dois dos gerentes, digo dos sócios, pelos menos, bastando a de um só, para os casos de mero expediente. PARÁGRAFO SEGUNDO — É expressamente proibido o uso da firma social em documentos estranhos à sociedade, nomeadamente em letras de favor, fianças e abonações.

SÉTIMO — Os sócios não poderão obrigar voluntàriamente em suas quotas sem consentimento expresso da assembleia geral.

OITAVO — Os balanços serão anuais, encerrados com referência a trinta e um de Dezembro de cada ano, e os lucros líquidos apurados, depois de deduzidos cinco por centro para o fundo de reserva, enquanto este não estiver realizado ou sempre que seja preciso reintegrá-lo, e quaisquer percentagens para outros fundos que os sócios entendam dever estabelecer, ou as perdas, se as houver, serão repartidos pelos sócios na proporção das suas quotas.

NONO — As assembleias gerais ordinárias, para a aprovação do balanço e contas de cada ano social, realizar-se-ão dentro do primeiro trimestre seguinte e as extraordinárias sempre que qualquer dos sócios as convoque, devendo em todos os casos a convocação ser feita com dispensa de anúncio, por meio de cartas registadas, com aviso de recepção, enviadas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias.

DÉCIMO — Nos casos omissos regularão as disposições legais aplicáveis, designadamente as da Lei de onze de Abril de mil novecentos e um, e as deliberações tomadas pelos sócios em assembleia geral.

Aveiro, 28 de Dezembro de 1960

O Ajudante de Secretaria,

Celestino de Almeida Ferreira Pires

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de 7 de Dezembro de 1960, exarada de fls. 97 v.º a fls. 100, do L.º n.º 14-B —, para escrituras diversas, do arquivo deste cartório, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, entre Francisco Freitas Pinheiro e Armando Ferreira, nos termos e sob as cláusulas e condições dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «ARMANDO & FREITAS, LIMITADA», tem a sua sede em Aveiro, e a sua duração é por tempo indeterminado, com início em um de Janeiro próximo.

SEGUNDO — O seu objecto principal é o comércio de peças e acessórios de automóveis, podendo explorar qualquer outro ramo de negócio ou indústria que não seja proibido por Lei.

TERCEIRO — O capital social é de vinte mil escudos, integralmente realizado em dinheiro, dividido em duas quotas de dez mil escudos, pertencendo uma a cada sócio.

Os sócios poderão fazer à sociedade os suprimentos de que ela carecer nas condições deliberadas em assembleia geral.

QUINTO — A gerência e administração da sociedade e a sua representação, em Juízo e fora dele, activa e passivamente, será exercida por ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, sem caução ou remuneração.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — Para que a sociedade fique vàlidamente obrigada é necessário que em todos os actos e contractos intervenham os dois gerentes, excepção feita aos assuntos de mero expediente, que podem ser assinados por um só deles.

PARÁGRAFO SEGUNDO — Aos gerentes é expressamente proibido usar a firma social em abonações, letras de favor e outras responsabilidades semelhantes, sob pena de o infractor responder para com a sociedade pelos prejuízos que lhe causar com esse uso.

SEXTO — A cessão total, ou parcial de quotas é livre entre os sócios, ficando dependente da opção destes, quando as pretenda fazer a favor de estranhos.

SÉTIMO — Anualmente, será dado balanço, com a data de trinta e um de Dezembro, devendo os lucros líquidos nele apurados, depois de retirados cinco por centro para fundo de reserva legal, ser divididos pelos sócios na proporção das suas quotas, termos em que por eles serão suportados os prejuízos, havendo-os.

OITAVO — Por falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, continuará a sociedade com os sobrevivos ou capazes e os herdeiros ou representantes do falecido ou interdito, devendo os ditos herdeiros nomear um entre si, que nela os represente a todos, enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

NONO — Dissolvendo-se a sociedade, serão liquidatários todos os sócios, que procederão à liquidação e partilha dos haveres sociais na forma deliberada em assembleia geral, de acordo com a Lei; porém, desde já fica convencionado que se algum deles pretender os mesmos haveres serão estes licitados verbalmente entre os sócios, e adjudicados ao que por eles mais der.

DÉCIMO — As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios, com dez dias de antecedência.

DÉCIMO PRIMEIRO — Em tudo o mais será esta sociedade regulada pelas disposições legais aplicáveis e, nomeadamente, pelas da Lei de onze de Abril de mil novecentos e um.

O Ajudante da Secretaria,

Celestino de Almeida Ferreira Pires

PORTUGAL E A O. N. U.

Continuação da primeira página

mínio; mas não chamou ao gozo dessa riqueza a massa dominada, embora esse benefício se tivesse criado com o seu trabalho esforçado.

Não fizeram esses países colonização, no sentido superior da palavra, catequisando, instruindo e educando no amor cristão, sem qualquer discriminação racial, o seu semelhante negro. Esse, como já referimos, foi o papel de missão apostólica que dominou a acção dos portugueses desde os primeiros tempos da Escola de Sagres, da orientação do Infante, da política dos Monarcas: fazer cristandade.

Este Anticolonialismo, que tudo mede pela mesma rasoira, usando e abusando do sentido pejorativo da expressão, é quase uma farsa, pois outro significado não tem que não seja afastar a Europa da Á'frica. Nisso são concordantes os dois mais representativos senhores que comandam o conflito internacional: a Rússia e os Estados Unidos da América do Norte.

A Rússia nunca conheceu o domínio europeu, pela sua grandeza geográfica e pelo prestígio ancestral do Czarismo, e porque era senhora de grande parte do continente. Porque nunca sentiu o peso da opressão de qualquer outro país, não o inspira no movimento anticolonialista de que é a principal animadora nenhum sentido de ressentimento contra colonialistas que a tivessem dominado. Tal não sucede, porém, com os Estados Unidos, que conheceram esse peso opressivo durante todo o tempo do domínio britânico, de que se libertaram à custa de muito sangue derramado e do extremínio de muitas vidas.

Mas também não pode dizer-se que seja esse o sentimento dominante no movimento anticolonialista de que se tem feito valoroso intérprete. O que principalmente a anima é a extensão do seu domínio plutocrático sobre o novo continente agora aflorado para uma vida livre. O afã entusiástico da U. R. S. S. no combate ao Colonialismo tem outro significado: — a expansão da sua ideologia comunista, de que quer ser a imperante universal, ela e a China, sua «camarada» na subversão moral e social do Mundo.

Criar mercados para maior expansão do capitalismo e da industrialização americana é o principal motor da campanha anticolonialista dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo que conseguem tomar à sua conta esses países africanos libertos, afastam um concorrente temível e temido — o russo ou o sino-russo, seu inimigo nesse campo e no da ideologia ocidental de que são portadores e os mais poderosos defensores.

Claro está que ao Ocidente convém que vença o ponto de vista americano; mas isso não nos impede de ver o que objectivamente se descobre na realidade dos factos.

Em qualquer dos casos, esses povos que querem libertar-se do Colonialismo europeu, passam a conhecer um novo *Colonialismo* — ou o do capital americano, ou o da escravização comunista da U. R. S. S.. Qualquer das duas poderosas nações, a cujas tentações ambiciosas estão sujeitos os destinos do Mundo, não está livre do pecado do Colonialismo, que tanto as incomoda quando cometido pelos outros.

Da Rússia, todo o Mundo sabe o que valem os seus protestos contra o Colonialismo dos outros países, quando oprime povos soberanos e lhes impõe o seu regime, sob a capa de governos autónomos fantoches. Comanda, assim, discricionàriamente os seus chamados satélites e as repúblicas soviéticas designadas pelo eufemístico título de «autónomas» na sua política, que todas dissolveu e fez desaparecer durante a Segunda Guerra Mundial. Os povos dos alemães do Volga, da Crimeia, dos Kalmonks, foram dispersos pelos territórios da Ásia. Em regime colonial, estão os arménios, os georgianos, o Azervaidjon, as minorias transcaucasianas, os povos da Ásia central soviética, as minorias étnicas Conigours e Dungans — todos povos que se acham em regime colonial de assimilação forçada.

Os Estados Unidos, na sua política de expansão económica, exercem um Colonialismo capitalista no exterior, e isso os levou a delcarar a guerra à Espanha em 1890, que venceram fàcilmente, mas em glorioso holocausto do heroísmo dos nossos vizinhos espanhois. Em sua consequência, veio a ocupação de Cuba, Porto Rico, parte do Arquipélago dos Ladrões e das Filipinas, e com o mesmo intuito se organizou a revolta de 1902, que levou à constituição do Panamá, pela separação do território da Colúmbia. E o que se passou na sua política interna é obra da assimilação forçada.

Querubim Guimarães

Rotary Clube

● Na segunda-feira dia 19, o Rotary de Aveiro voltou a reunir-se, no Restaurante Galo d'Ouro, sob presidência do sr. Egas Salgueiro. A costumada saudação à Bandeira Nacional foi feita pelo sr. Arnaldo Estrela Santos.

Termina esta solenidade, o Chefe do Protocolo dirigiu saudações ao palestrante da reunião e à Imprensa, manifestando, também, a todos os presentes os votos de Boas-Festas do Rotary de Aveiro.

O sr. Carlos Alberto Machado, ocupando-se, então, da leitura do expediente, deu conhecimento de vária correspondência recebida e expedida pelo Rotary de Aveiro, falou de diversos assuntos de interesse rotário e pôs em merecido relevo algumas passagens da recente Carta Mensal do Governador do Distrito Rotário 176 (Portugal).

A habitual palestra foi feita pelo sr. Coronel-aviador António Dias Leite, que prendeu os seus ouvintes com um brilhante e curioso trabalho — *Aveiro no passado — Figuras e factos* —, em que saudosamente evocou grandes vultos da História aveirense (Homem Christo, Rocha Cunha e D. João Evangelista de Lima Vidal) e recordou alguns episódios relacionados com a última Guerra e a nossa cidade.

No *Período de Actualidades*, o sr. Eng.º José Pereira Zagalo relatou visitas que recentemente efectuou a clubes rotários franceses, alemães e suiços, fazendo a entrega de flâmulas dos Rotary Clubes de Badem, Basileia, Zurich, Aarau e La Défense (Paris). E os srs. Arnaldo Estrela Santos, Carlos Alberto Machado e Eduardo Cerqueira emitiram opiniões sobre a próxima realização do Colóquio de Turismo a promover pelo S. N. I., em ordem a acautelarem-se devidamente — reforçando-se e apoiando-se a posição que for tomada pelas competentes entidades locais — os interesses de Aveiro, na provável criação de uma nova e ampla Zona de Turismo.

O comentário da reunião foi feito pelo sr. Coronel João Pereira Tavares. Finalmente, ao encerrar a reunião, o Presidente do Rotary Clube de Aveiro anunciou que o Rotary de Aveiro iria distribuir os habituais bodos de Natal a cerca de 90 famílias pobres, e aos protegidos pelo Asilo Distrital, pelas Florinhas do Vouga e pelo Albergue Distrital; o sr. Egas Salgueiro, ao concluir as suas palavras, prestou significativa homenagem aos representantes da Imprensa.

★ *O valor total aproximado do Bodo de Natal distribuído pelo Rotary Clube de Aveiro atingiu um montante de cerca de 15 contos.*

Os bodos individuais constaram de 40$00 em dinheiro, açúcar, arroz, massa, batatas e dois bacalhaus.

Nas Florinhas do Vouga, foram entregues: sacas de farinha de trigo, de arroz, de açúcar, de batatas, um fardo de bacalhau, latas de bolacha, ceiras de figos secos, caixas de chocolates e rebuçados e ainda 309,5 metros de tecido de flanela.

No Asilo, o Rotary Clube distribuiu ceiras de figos secos, sacas de rebuçados, latas de bolacha e caixas de chocolates.

Finalmente, no Albergue, foram oferecidos diversos pacotes de maços de tabaco e latas de bolacha.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

Junta Central de Portos

Junta Autónoma do Porto de Aveiro

Concurso público para arrematação da empreitada de «Construção da Rua T e troço da Rua C do Porto Bacalhoeiro de Aveiro».

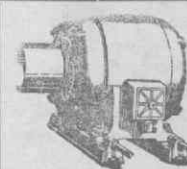
Faz-se público que no dia 20 de Janeiro de 1961, pelas 15 horas, na sede da Junta Autónoma do Porto de Aveiro, situada em Aveiro, na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, 110-2.º, perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá à recepção e abertura de propostas para arrematação da empreitada acima mencionada.

Para ser admitido a concurso é necessário efectuar na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações o depósito provisório de 9 283$10, mediante guia passada pelo próprio, à ordem do Engenheiro-Director do Porto de Aveiro.

O depósito definitivo será de 5°/o do valor da adjudicação.

O processo do concurso está patente, todos os dias úteis, dentro das horas de expediente, na sede da Junta Autónoma do Porto de Aveiro.

Junta Autónoma do Porto de Aveiro, 19 de Dezembro de 1960.

O Vice-presidente da Junta,
Manuel Branco Lopes

DESPORTOS

Secção dirigida por

António Leopoldo

Que 1961 seja uma Primavera...

AVEIRO tem premente necessidade de INSTALAÇÕES DESPORTIVAS

Um artigo de JOÃO SARABANDO

AVEIRO renasceu. Acha-se de novo em pleno crescimento. Estiraçada em manta de terras úberes, onde mil indústrias se consolidam ou despontam, a cidade saboreia também os frutos da Ria e dá-se como nunca a lavrar as intérminas planícies marítimas.

A rede ferroviária, a validez do seu porto, as numerosas estradas lagunares e terrestres servem não só, mas incentivam igualmente, tamanha operosidade. E pode afirmar-se que, ao invés de muitas outras urbes, condenadas à cristalização ou mesmo à lenta agonia, Aveiro tem o futuro por si, como seu precioso aliado. A grandiosa silhueta da cidade de amanhã já se adivinha, recortada no céu luminoso e ímpar de um autêntico oásis português. E na humilde pena que traça estas linhas não existe qualquer resquício de bandarrice ou de sebastianismo. De facto, qual outro «sprinter» que, abandonada a posição estática, corre, abala em louca velocidade pista adiante, assim Aveiro voa já na senda do progresso, como que catapultada em plena glória. De resto, não se escutam duas opiniões antagónicas acerca do devir. Todos, íncolas e estranhos, pressentem, sabem já, que assim vai suceder, que o burgo milenário se transformará, não tarda nada no transcurso do tempo, graças ao trabalho e lúcida inventiva dos seus filhos, em mutimilionário, dos maiores entre os maiores do País.

O reengrandecimento de Aveiro não principiou hoje; começou a desenhar-se, a ganhar nítidos contornos, no século passado. A conquista do caminho de ferro, a implantação de novas indústrias, o alerta cultural, um carinhoso interesse pela educação física datam daí, foram carburantes do surto que atravessamos e se desenvolve ante nossos olhos maravilhados...

A dinamização dos vários sectores, peças do mesmo todo, constata-se em maior ou menor grau, mas constata-se. Quanto a nós, e sem receio de desmentido, uma única excepção confirma a regra, aliás maculando-a. Na verdade, tolhendo, cerceando, a multiplicação do número dos praticantes desportivos e impedindo, de modo implícito, a valorização do desporto regional e nacional, temos a falta duma quantidade mínima de recintos adequados. Consoladoramente, aumentaram os cultores das várias modalidades, mas o paralelo acréscimo de instalações é que não se observa. Para a quantidade de atletas já existente, atletas repartidos por um pequeno mundo de actividades, os rectângulos e as pistas que a cidade possui são assaz diminutos. Tudo se cifra num campo de futebol, num «court» de ténis, num rinque de patinagem... Há ainda, é verdade, um tanque-piscina, os ginásios do Liceu, da Escola Comercial e do Asilo, o rectângulo de basquetebol da Alameda... Temos de convir que é pouquíssimo para uma população que ultrapassa as vinte mil almas e que não cessa de aumentar... Depois, acresce a circunstância de nem todas estas instalações funcionarem, ou funcionarem devidamente. Por exemplo, o acesso ao campo de ténis é oneroso, proibitivo para muitos bolsos. E já lá vai o tempo em que tal desporto era tido e havido erròneamente como actividade aristocrática. A jovem Austrália, onde o ténis se popularizou, ascendendo a milhões os praticantes, detém desde há anos a hegemonia mundial em tão saudável manifestação. Por outro lado, e apresentando novo exemplo, também o campo que ostenta o nome de Mário Duarte não está dando aquele rendimento que é susceptível dar. Podendo servir de permanente escola a

Continua na página 5

aveiro a natação e o beira-mar

No número do LITORAL saído em 2 de Julho, e nesta mesma Secção, publicámos um artigo, sob a epígrafe *Recinto desportivo que importa salvar — tanque-piscina*; convém relembrar quanto então escrevemos:

Encontramo-nos em plena época estival. Tempo próprio para a prática das modalidades aquáticas — remo, vela, pesca, motonáutica e... natação, a modalidade-base, o desporto-divertimento imprescindível a quantos se queiram dedicar a qualquer das outras derivantes indicadas.

Pois bem: Aveiro, com largas e preciosas tradições na Natação, e que ùltimamente esboçou uma interessante tentativa de regresso aos seus melhores tempos, encontra-se a braços com um problema gravíssimo. O Sport-Clube Beira-Mar, a quem, sem sombra de dúvida, se deve o maior (e quase total ..) quinhão no aludido ressurgimento da modalidade, encontra-se impedido de abrir as portas do seu tanque-piscina!

Razões ponderosas, mas pouco — e mal — conhecidas, determinaram este lamentável estado de coisas, que tem propiciado a formação dos mais diversos comentários sobre o caso.

No intuito de elucidar devidamente os nossos leitores, procurámos obter, junto de personalidade responsável, os necessários elementos informativos. Em resumo, a situação do tanque-piscina é esta, segundo nos foi declarado:

O recinto só poderá reabrir depois de efectuadas algumas obras, por imposição da Direcção Geral de Saúde. A Direcção do Beira-Mar aguarda que aquêle departamento oficial lhe comunique quais os melhoramentos que necessita de fazer — para, depois, ver se pode ou não suportar os encargos que se lhe impõem

O Presidente da Direcção do Sport Clube Beira-Mar, sr CARLOS FERREIRA GOMES TEIXEIRA, que nos forneceu as informações atrás resumidas, disse-nos ainda, quando lhe falámos da *divulgada* notícia de que o Beira-Mar pensa aterrar o seu tanque-piscina, transformando-o, depois de obter as necessárias autorizações, num parque desportivo para as chamadas modalidades pobres:

— *Nada se assentou sobre o assunto, nem a Direcção a que presido tomará, por si, essa responsabilidade. Se pudermos, nós mesmos mandaremos executar as obras que superiormente forem julgadas indispensáveis; caso a verba a dispender seja incomportável, será convocada uma Assembleia Geral para se ocupar do caso, uma vez ele é de real importância.*

Assim posto o problema, só nos resta augurar para o momentoso assunto a solução ideal: próxima reabertura do tanque piscina — ainda

Continua na página 5

Notícias de futebol

★ Amanhã, 1 de Janeiro, retomam o seu curso normal as diversas provas distritais e nacionais, interrompidas no Dia de Natal.

★ No Distrito, teremos estes desafios: I DIVISÃO (18.ª e última jornada) — *Arrifanense-Cucujães (1 0), Pejão-Lusitânia (3-2), Cesarense-Vista-Alegre (0-4), Espinho-Ovarense (3-0) e Lamas-Recreio (1-3).* JUNIORES (3.ª jornada) — *Feirense-Sanjoanense e Ovarense-Recreio.*

★ Na II Divisão haverá os jogos a seguir indicados, correspondentes à 14.ª jornada: *Feirense-Chaves (1-2), Oliveirense-Peniche (2 0), Boavista-Vianense (2-3), Castelo Branco-Marinhense (0-3), Caldas-Sanjoanense (1-4), União-Torriense (1-2) e Beira-Mar-Gil Vicente (1-1).*

★ No jogo de Aveiro, actuará o árbitro Eduardo Neves, de Viseu. E os barcelenses devem estrear o seu novo reforço — Fernando Mendonça, antigo internacional e ùltimamente jogador do Sporting de Braga.

★ Em referência ainda à partida que amanhã se disputa nesta cidade: o Beira-Mar promove mais um *Dia do Clube.*

★ A equipa de arbitragem aveirense chefiada por José Porfírio de Carvalho e Silva foi designada para dirigir, em Matosinhos, o encontro Leixões-Sporting de Braga, da I Divisão Nacional.

Basquetebol

Campeonato Distrital da I Divisão

O GALITOS revalidou o título

Embora o torneio regional esteja ainda a duas jornadas do termo, sabe-se já que o seu vencedor será o grupo do Clube dos Galitos, pois os alvi-rubros, beneficiando da derrota dos beiramarenses em Sangalhos, apenas podem vir a ser igualados pelos amarelo-negros na pontuação final — e, como se sabe, o empate pontual entre Galitos e Beira-Mar será favorável àqueles.

Desta forma, o Galitos revalidou, novamente, o título de campeão — facto que torna credores duma palavra de felicitações os seus jogadores, técnico e dirigentes. Daqui lhe endereçamos os nossos parabéns.

Posta de parte a questão do título, e conhecendo-se, também, as posições finais de outros dois concorrentes (Beira-Mar, em 2.º; e Cucujães, em 7.º), o interesse pela prova mantém-se, em ordem à arrumação das outras equipas pelos restantes lugares da tabela. Esgueira, que folgou na última ronda, Sangalhos (já com o *team* quase completo), brilhante vencedor do Beira-Mar, e Sanjoanense, que perdeu com o Galitos, lutam ainda pela qualificação para o Campeonato Nacional da II Divisão, numa luta de desfecho imprevisível na altura (dia 26) em que escrevemos a presente nótula. Aliás, o Illiabum — em hipótese muito remota, mas possível... — poderá também terminar na terceira posição!

★ O Clube dos Galitos, apesar de faltar ainda o encontro Sangalhos-Sanjoanense, revalidou também o título de campeão de reservas, mercê da falta de comparência da Sanjoanense ao encontro que deveria ter sido efectuado no Rinque do Parque, na penúltima sexta-feira.

★ Classificações actuais:

I DIVISÃO

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Galitos	11	10	—	1	389-262	31
Beira-Mar	11	9	—	2	449-384	29
Esgueira	10	5	—	5	349-339	20
Sangalhos	10	4	—	6	348-363	18
Sanjoanen.	10	4	—	6	358-378	18
Illiabum	10	3	—	7	317-339	16
Cucujães	10	1	—	9	217-372	11

RESERVAS

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Galitos	4	3	—	1	90-64	10
Sangalhos	3	1	—	2	74-79	5
Sanjoanense*	3	1	—	2	58-59	4

* Tem uma falta de comparência

Galitos, 30 — Sanjoanense, 18

Jogo no Rinque do Parque, na penúltima sexta-feira. Árbitro — Carlos Neiva e Aureliano Silva.

GALITOS — Albertino, José Fino 10, Arlindo 2, Artur Fino 8,

Continua na página 5

Da minha janela ...

1 O Campeonato Nacional de Futebol da II Divisão chegou a meio do caminho se atentarmos, apenas, na fase de apuramento das zonas Norte e Sul, que é, afinal, o alvo de todas as atenções e a meta almejada dos vários concorrentes.

Apesar de inúmeras contrariedades, tantas delas nascidas no seio da Colectividade, o Beira Mar, lídimo representante citadino, alcandorou-se a um grupo fixado no segundo lugar da Zona Norte, distante 3 pontos da Oliveirense — a mesma Oliveirense a quem, no dealbar da época, poucos prognosticariam semelhante feito. É incontroverso, porém, que o cepto é bem merecido, na mesma medida em que castiga outras equipas mais apetrechadas, pelo menos no papel. É o caso do Clube amarelo-negro que, ao lado de resultados de pouca sorte, em dada altura, não mostrou possuir o temperamento indispensável a um torneio rijo como é o da II Divisão Nacional.

Contudo, e embora sem convencer totalmente, a equipa tem vindo a melhorar sob o ponto de vista de agressividade, condição indispensável para muitos êxitos. E essa melhoria apareceu, ninguém duvida, na melhor altura, quanto a nós no momento psicológico. A caminhada continuará cada vez mais difícil, mas nada estará perdido se todos derem as mãos numa comunhão ideal para o fim em vista. Ao público, sempre generoso, ao treinador e aos jogadores — para estes a tarefa mais importante, como é óbvio — está entregue o destino do Clube na segunda volta, que amanhã terá o seu início, após um domingo de pausa.

Esperemos, confiados, que a equipa carrile, definitivamente, no caminho da vitória porque todos aspiram.

2 *O Campeonato de Basquetebol conheceu este ano fartos motivos de interesse, não só com o regresso do Beira-Mar à prática da modalidade, mas também com o relativo equilíbrio existente entre quase todos os concorrentes, o que valorizou — e continua a valorizar — a disputa do torneio distrital.*

Há, porém, de entre todas as equipas, uma que queremos salientar, não

Continua na página 5

ANO SÉTIMO · N.º 323

Aveiro, 31 de Dezembro de 1960

UM JORNAL DE TODOS E PARA TODOS — em que cabem TODAS AS OPINIÕES HONESTAS; que aceitará TODAS AS SUGESTÕES INTELIGENTES; porta-voz de TODOS OS ANSEIOS LEGÍTIMOS

AVENÇA